

KIERKEGAARD E SANTO AGOSTINHO: DESESPERO, FÉ E VERDADE NA EXISTÊNCIA

Cássia Fernandes¹

RESUMO: O artigo investiga, a partir de uma abordagem filosófico-teológica, a relação entre desespero, fé e verdade na constituição do sentido existencial humano, estabelecendo um diálogo entre Santo Agostinho e Søren Kierkegaard. Objetiva-se compreender como a fé, segundo esses autores, atua como elemento central na superação do desespero e na reestruturação do si-mesmo. Utiliza-se como metodologia a análise conceitual comparada entre obras-chave dos pensadores, especialmente *Confissões* e *A Doença para a Morte*, complementada por revisão bibliográfica de autores contemporâneos. Identifica-se que, para ambos, o desespero é expressão de uma ruptura da síntese entre finitude e infinitude, e a fé, um movimento interior que reconcilia o ser humano com o transcendente. Os resultados apontam para a convergência entre as perspectivas agostiniana e kierkegaardiana ao proporem a fé como via de reencontro com a verdade e sentido. Conclui-se que a fé cristã, compreendida como salto existencial, representa não apenas uma resposta ao sofrimento humano, mas a possibilidade de uma existência autêntica, ancorada no eterno e fundada no amor divino. O estudo destaca a atualidade dos autores no enfrentamento da crise de sentido na contemporaneidade, contribuindo para a reflexão sobre o papel da religião na construção da identidade e da liberdade do sujeito.

Palavras-chave: Fé; Desespero; Verdade; Kierkegaard; Santo Agostinho.

ABSTRACT: This article investigates, through a philosophical-theological approach, the relationship between despair, faith, and truth in the constitution of human existential meaning, establishing a dialogue between Saint Augustine and Søren Kierkegaard. It aims to understand how faith, according to these authors, acts as a central element in the overcoming of despair and in the restructuring of the self. The methodology includes a comparative conceptual analysis of key works by both thinkers—*Confessions* and *The Sickness Unto Death*—combined with a bibliographic review of contemporary scholars. It is identified that, for both authors, despair expresses a rupture in the synthesis between finitude and infinitude, and that faith is an inward movement that reconciles the human being with the transcendent. The results indicate a convergence between Augustinian and Kierkegaardian perspectives by presenting faith as the path to the rediscovery of truth and meaning. It is concluded that Christian faith, understood as an existential leap, represents

¹ Mestranda em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora.

not only a response to human suffering, but also the possibility of an authentic existence anchored in the eternal and founded in divine love. The study highlights the relevance of both authors in addressing the contemporary crisis of meaning, contributing to the reflection on the role of religion in shaping identity and individual freedom.

Keywords: Faith; Despair; Truth; Kierkegaard; Saint Augustine.

Introdução

A religião, mais especificamente para essa discussão, o cristianismo, pode e se encarrega de responder a questões como de angústia e desespero, mas o que se propõe não está na linha da resolução do sofrimento com sua abolição e nem na apresentação de uma proposta de vida sentimentalmente feliz ou de “sorte”, mas sim no que diz respeito a auxiliar a cada um, através de sua individualidade, a se apropriar do que lhe é oferecido e então construir um sentido que lhe permita ser definidor de sua existência e não, refém dela. A heteronomia, o moralismo e a objetividade pura não podem responder a perguntas como: “Por que a vida faz sentido?” ou “Qual o propósito pelo qual se vive?” ou até mesmo “Quem sou eu frente a existência?”. A ciência, a lógica, a probabilidade e o cálculo pouco ou em nada ajudam² também. A maneira como o indivíduo se coloca e se estabelece diante da existência com todas as implicações que o existir exige é o ponto que a religião pode e se propõe a apresentar realidades possíveis por meio da fé.

Religião e existência são distintas, mas não separáveis. Sonho, esperança, símbolos, crenças e sentido da vida são partes constituintes de um ser humano e quando negligenciados promovem o vazio existencial e a incompletude do ser, isso desencadeia em um estado de desespero e alienação que são muito bem apresentados por Søren Kierkegaard na obra *A Doença para a Morte* e são visíveis na jornada intelecto-espiritual de Santo Agostinho por meio das *Confissões*. A ausência de sentido gera crises profundas, nas quais o indivíduo se vê perdido em meio às demandas da vida cotidiana e às pressões sociais, sentindo-se fragmentado e desconectado de sua própria identidade. Nesse

² Roos, 2019, p. 15

contexto, a fé surge como um elemento central na reestruturação do *si-mesmo*, algo que vai além de ser uma saída mágica, mas que oferece uma âncora existencial que transcende as circunstâncias e possibilita um reencontro com a própria essência. A fé permite ao indivíduo construir uma existência significativa ao vincular a finitude com a infinitude que o constitui, promovendo uma reconciliação entre o temporal e o eterno.

No entanto, a compreensão da fé não é unívoca e pode variar em diferentes âmbitos e realidades. Diante disso, este texto propõe refletir a jornada intelecto-espiritual de Santo Agostinho e sua busca pela verdade, através do conceito de desespero e da fé como superação em Kierkegaard, para apresentar uma possibilidade de construção de sentido verdadeiro examinando especialmente as perspectivas desses autores, que apresentam abordagens distintas, porém complementares, sobre como a fé pode possibilitar uma existência ancorada, autêntica e plena. Ao explorar suas concepções, busca-se compreender como a fé se configura como um movimento interior, mas que reconfigura a existência e lhe dá um significado verdadeiro, fundamentando o indivíduo em algo que transcende a si mesmo, transcende a temporalidade, a finitude, a necessidade e o corpóreo, lhe dá uma ancoragem eterna.

A fé, tanto para Santo Agostinho quanto para Kierkegaard, é muito mais do que uma crença intelectual, um dogma religioso ou uma saída mágica para as crises existenciais. Para ambos, ela representa um movimento profundo e interior que transforma radicalmente a existência humana. Enquanto Agostinho a comprehende como a única maneira de alcançar a verdade e só então, de resposta à graça divina ser possível uma realidade de vida autêntica e verdadeira, Kierkegaard a vê como um salto paradoxal que reestrutura o *si-mesmo* ao reconciliar finitude e infinitude, um movimento dialético de se lançar na infinitude e ao mesmo tempo ser devolvido para a vida, para a finitude, mas de forma qualificada. Como afirma Gouveia (2006, p. 149) sobre a fé cristã: “A vida de fé recomendada no Novo Testamento é todo um modo de vida. Fé não é somente algo que acontece uma vez na vida, mas uma ação contínua que representa um modo de ser-no-mundo.”. Assim, compreender a fé como um movimento interior implica reconhecer seu poder de reconfigurar a identidade e o sentido de vida do indivíduo.

Duas considerações importantes a serem observadas são que, esse texto se propõe a analisar um recorte que diga respeito ao cristianismo, a fé que conecta ambos os autores, sem ser capaz de abranger todas as suas divergências e convergências filosófico-teológicas. O segundo ponto importante para que a moldura seja apresentada é que apesar da grande distância de contextos históricos entre os autores, existem pontos de intersecção no pensamento de ambos que muito nos será útil nesse desenvolvimento.

Agostinho e a superação do desespero pela fé

O percurso intelectual e espiritual de Santo Agostinho é caracterizado por um anseio profundo em alcançar a verdade que proporcionasse plenitude existencial e revelasse o propósito último de sua vida. Tomando isso por base, será realizada uma interpretação dessa trajetória através da perspectiva do existencialismo cristão de Søren Kierkegaard, estabelecendo um diálogo conceitual entre os eventos significativos da biografia agostiniana e as categorias existenciais elaboradas pelo filósofo dinamarquês. Esse enfoque visa categorizar as fases da jornada de Agostinho utilizando os conceitos centrais da filosofia kierkegaardiana, sobretudo aqueles que versam sobre o desespero, a fé e o processo de constituição do *si-mesmo*. Tal abordagem busca demonstrar que o itinerário rumo à realização de uma existência autêntica — conforme proposto por Kierkegaard — encontra um modelo na experiência de Agostinho, revelando-se, portanto, como uma possibilidade ao indivíduo em sua jornada de construção do sentido existencial, uma via possível por meio da fé, uma alternativa cristã às questões existenciais.

Aos dezenove anos, Agostinho teve contato com a obra *Hortênsio* de Cícero, obra que despertou nele um ardente desejo pela verdade e pelo conhecimento. Esse momento marcou o início de sua jornada filosófica³. Inicialmente, Agostinho aderiu ao maniqueísmo, buscando respostas para suas inquietações. No entanto, ao perceber as limitações dessa doutrina, ele se voltou ao ceticismo acadêmico, influenciado pela

³ Gilson, 2009, p.19

tradição filosófica que questionava a possibilidade de alcançar a verdade com certeza⁴. Agostinho superou o ceticismo ao reconhecer que, mesmo que todas as percepções sensíveis possam ser enganosas, há uma verdade incontestável: a própria consciência do pensamento⁵. O contato com os textos neoplatônicos, especialmente os de Plotino e Porfírio, ampliou a compreensão de Agostinho sobre Deus e a natureza da verdade. Ele passou a compreender que a verdade não se encontra prioritariamente no mundo externo, mas sim no interior do ser humano⁶. O ponto culminante da busca de Agostinho pela verdade foi sua conversão ao cristianismo, onde encontrou a integração entre fé e razão e compreendeu que a verdade suprema é Deus, e que a fé é essencial para alcançá-la⁷.

Ao longo desse percurso intelecto-espiritual, Agostinho enfrentou diversas formas de desespero descritas por Kierkegaard como o “não querer ser o si mesmo” ou “querer ser um si mesmo separado de Deus”⁸, até encontrar, na experiência com Deus, a resposta definitiva para sua inquietação⁹. O primeiro momento a ser analisado é o de como afirma o próprio Kierkegaard (2022, p. 77): “o desespero que está na ignorância de ser desespero ou a ignorância desesperada de ter um si-mesmo, e um si-mesmo eterno.”. O autor ainda segue: “Quando, por exemplo, uma pessoa supostamente está feliz, imagina estar feliz, enquanto que a luz da verdade está infeliz, na maioria das vezes ela está muito longe de querer ser arrancada de seu erro.”. Como afirma Puchniak (2007, p. 37): “a primeira fase da vida de Agostinho, sua juventude e seu envolvimento com os prazeres do mundo, se alinha com o estágio estético kierkegaardiano: uma tentativa de escapar do sofrimento por meio da distração”. Agostinho buscava desesperadamente sentido e verdade nos prazeres e no intelecto, totalmente alienado de Deus, se afundava ainda mais em seu desespero e como ele relata em suas *Confissões* (IV, 12, 18): “Eu me tornava para longe de Ti e andava errante fora de Ti, indo atrás de todas as coisas que, se não estivessem em Ti, nada seriam.”.

⁴ Matthews, 2007, p.45

⁵ Gilson, 2009, p.35

⁶ Matthews, 2007, p. 67

⁷ Gilson, 2009, p. 58

⁸ Kierkegaard, 2022, p. 83-104

⁹ Agostinho, *Confissões*, 2017, p. 13

O segundo momento da trajetória existencial de Agostinho pode ser identificado com o que Kierkegaard denomina como “o desespero de desesperadamente querer ser si mesmo – obstinação”¹⁰. Durante seu envolvimento com o maniqueísmo, Agostinho buscava compreender o problema do mal e ansiava por uma resposta racional e sistemática que desse conta de suas inquietações existenciais. A crença maniqueísta em um dualismo absoluto entre bem e mal oferecia, a princípio, uma estrutura lógica que parecia satisfatória. Nessa perspectiva, ele acreditava ter encontrado um sistema que explicava a realidade de forma coerente e exauriente, abolindo, assim, a necessidade de Deus. Com base na análise kierkegaardiana, esse estágio pode ser descrito como o desespero demoníaco ou orgulho espiritual — uma tentativa obstinada de constituir a própria identidade sem a referência a Deus. Kierkegaard (2022, p. 104) descreve essa atitude afirmando: “aqui, ao contrário, ele não quer começar por perder a si mesmo, mas quer ser si mesmo”. Trata-se de um movimento ilusório, no qual o indivíduo acredita estar construindo autenticidade, mas permanece preso ao engano de si mesmo.

O ponto de conversão ocorre quando Agostinho percebe que o maniqueísmo, com seu sistema lógico e dualista, falha em responder às suas questões mais profundas. Em *Confissões* (2017. Livro, V, cap. 10, 20), ele reconhece esse impasse ao afirmar: “Eu ainda pensava que não éramos nós que pecamos, mas que era em nós que pecava uma outra natureza”. Tal percepção evidencia a negação da responsabilidade moral individual proposta pelo maniqueísmo, o que passou a causar-lhe profundo incômodo e inquietação interior. Agostinho começa a perceber a insuficiência de uma vida voltada apenas ao exterior. O surgimento dessa consciência marca o que é descrito pelo estágio ético, onde o sujeito se confronta com a responsabilidade moral e com a própria incapacidade de realizar o bem que deseja. Segundo Puchniak:

A crise existencial de Agostinho, intensificada por sua consciência da própria culpa e pela frustração diante da incapacidade de mudar a si mesmo, corresponde ao estágio ético kierkegaardiano, onde o indivíduo encara a si mesmo diante do ideal e reconhece sua falência. (PUCHNIAK, 2007, p. 40 - Tradução)

¹⁰ Kierkegaard, 2022, p. 104

O terceiro momento do desespero vivenciado por Agostinho corresponde ao que Kierkegaard denomina de “desesperadamente não querer ser si mesmo – desespero da fraqueza”¹¹. Neste momento, Agostinho já está consciente do vazio que o habita, da ausência de verdade em sua vida, e reconhece interiormente sua necessidade de Deus — embora ainda resista a esse chamado em certa medida. Esse estágio pode ser identificado no período em que Agostinho abandona o maniqueísmo e volta-se para o neoplatonismo como foi mencionado anteriormente. Essa virada existencial encontra eco no conceito kierkegaardiano de formulação de síntese, segundo o qual a realização da síntese só se efetiva quando o indivíduo retorna à sua interioridade e reconhece sua dependência de Deus¹². É nesse movimento de interiorização e abertura à transcendência que a transformação profunda começa a operar-se. Agostinho expressa essa percepção ao afirmar: “Não saias para fora; volta-te para dentro de ti mesmo. No homem interior habita a verdade”¹³.

O último momento do percurso intelectual-espiritual de Santo Agostinho, à luz da teoria kierkegaardiana do tornar-se si mesmo, manifesta-se no emblemático episódio do jardim. Nesse momento decisivo, o filósofo encontra-se tomado por uma intensa angústia interior, o que pode ser diretamente associado ao conceito de angústia em Kierkegaard, em que o indivíduo se vê diante da possibilidade de tornar-se algo novo após o salto. Agostinho relata:

Doente na alma e atormentado estava eu e me acusava mais duramente do que de costume, debatendo-me até romper todas as amarras que, embora já fracas, ainda me prendiam. E tu, ó Senhor, com tua rigorosa misericórdia, me pressionavas no fundo da alma, redobrando as chicotadas do medo e da vergonha para que eu não desistisse, e assim aquela tênue amarra que sobrava recuperasse sua resistência e me prendesse ainda mais. Dentro de mim mesmo eu dizia: "Que seja agora, que seja agora". E enquanto falava, quase punha minha decisão em prática. Quase, mas não punha. Todavia, eu não recaía no meu estado anterior. Mantinha com vigor minha posição, respirando fundo. Tentava novamente, e faltava ainda menos para chegar lá, faltava muito pouco mesmo para eu tocar e agarrar o que queria. E, no entanto, não conseguia, não o tocava e não o agarrava: eu hesitava entre morrer para a morte e viver para a vida. O pior, entranhado em mim, prevalecia sobre o melhor, ao qual eu não

¹¹ Idem, p. 85

¹² Idem, p. 44

¹³ Agostinho, Sobre a vida feliz, 1999, livro II, 7

estava habituado. **Quanto mais se aproximava o exato momento no qual eu devia tornar-me diferente do que era, tanto mais ele me causava horror.** Contudo, ele não me rechaçava nem me desviava do caminho. Só me mantinha perplexo. (AGOSTINHO, Confissões, 2019, livro 8, 25, p. 165)

Kierkegaard afirma que a angústia nasce quando o ser humano, enquanto síntese de finito e infinito, é confrontado com a possibilidade da liberdade. Ele escreve: “A angústia é a vertigem da liberdade.”¹⁴ Isso significa que, diante da possibilidade de escolher entre o bem e o mal — entre ser ou não ser — o indivíduo se vê paralisado, tomado por uma espécie de vertigem existencial. É o sentimento de estar diante do possível, daquilo que ainda não é, mas pode vir a ser. Agostinho relata exatamente esse sentimento de angústia diante da possibilidade de tornar-se algo novo. O filósofo, retira-se para um jardim e, ao ouvir uma voz infantil cantar repetidamente “*Tolle, lege*” (“Toma e lê”), interpreta o ocorrido como um chamado divino¹⁵. Ele então abre as Escrituras ao acaso e se depara com a passagem de Romanos 13:13-14: “Comportemo-nos com decência, como quem age à luz do dia, não em orgias e bebedeiras, não em imoralidade sexual e depravação, não em desavenças e inveja. Ao contrário, revistam-se do Senhor Jesus Cristo, e não fiquem premeditando como satisfazer os desejos da carne”. Tal leitura provoca uma transformação decisiva: Agostinho comprehende que sua busca pela verdade não poderia ser plenamente satisfeita apenas pelo intelecto, mas que sua inquietação existencial refletia, na verdade, um anseio por entregar-se totalmente a Deus.

Kierkegaard descreve esse momento como um salto para a fé – um movimento existencial no qual o sujeito se entrega a Deus de forma absoluta. No episódio decisivo do “*tolle, lege*”, Agostinho não apenas rompe com o pecado, mas abandona o ideal de autossuficiência. Puchniak interpreta esse momento como o ápice de uma jornada existencial:

Agostinho, como Kierkegaard, comprehende que a verdade não é uma ideia a ser aprendida, mas uma realidade a ser vivida em relação com Deus. Sua entrega não é apenas racional, mas existencial, feita com toda a alma. (PUCHNIAK, 2007, p. 45 - Tradução)

¹⁴ Kierkegaard, 2017, p. 65

¹⁵ Agostinho, Confissões, 2017, livro 8, p. 167, 29

A partir dessa entrega, a vida de Agostinho torna-se expressão de uma fé que abraça o paradoxo, o sofrimento e a dependência radical da graça – aspectos centrais também no pensamento kierkegaardiano. Como conclui Puchniak:

Ambos os pensadores compreendem que a existência cristã começa quando o indivíduo se coloca em relação com o eterno. Esse encontro não acontece no pensamento abstrato, mas na interioridade ferida que se abre à graça. (PUCHNIAK, 2007, p. 68 - Tradução)

Nesse momento, ele rompe com o último estágio do desespero descrito por Kierkegaard — aquele no qual o indivíduo resiste à dependência do divino — e finalmente, como afirma o filósofo dinamarquês, “se funda transparentemente na fonte que o estabeleceu”¹⁶. Trata-se da superação do desespero por meio da aceitação da própria identidade enquanto ser criado e sustentado por Deus.

De forma notável o percurso de Agostinho perpassa por cada estágio do desespero descritos por Kierkegaard, o desespero estético e a busca nos prazeres do mundo podem ser observadas nas Confissões (Livro 2), o desespero da obstinação e a tentativa de se tornar o si mesmo sem Deus são observados nas Confissões (Livro 5), o desespero da fraqueza em que se percebe a verdade, mas não consegue se render podem ser vistos nas Confissões (Livro 8) e a superação do desespero e formulação da síntese ou construção de sentido existencial em que o filósofo se rende a Deus está nas Confissões (Livro 8, 29, 30).

Vale observar que a fé está para além da razão e não em oposição a ela, Agostinho reflete e discute o papel da razão na condução do indivíduo a crer em algo para além de si mesmo e deseja-lo. A razão, no pensamento de Agostinho, exerce uma função mediadora entre os sentidos internos e externos, sendo responsável por ordenar, julgar e discernir aquilo que é percebido sensivelmente daquilo que é apreendido interiormente¹⁷. A razão não apenas reconhece os dados sensíveis, mas também julga sua validade e conduz a alma à contemplação da verdade¹⁸. Nesse processo, ela se afirma como um

¹⁶ Kierkegaard, 2022, p. 45

¹⁷ Gilson, 2006, p. 38

¹⁸ Idem, p. 39

critério de certeza: mesmo diante da possibilidade do erro, a razão pode declarar com segurança a própria existência. É o que Agostinho expressa na célebre fórmula: “Se me engano, existo” (*Si fallor, sum*) — registrada em *A Trindade*, (XV, 12, 21) — uma afirmação que antecipa o cogito cartesiano, mas com implicações profundamente teológicas. Como observa Matthews (2005, p. 69): “Agostinho não estava meramente dizendo que a dúvida prova a existência; ele estava interessado em mostrar que mesmo a dúvida exige uma verdade fundamental inegável, que aponta para algo fora do eu: Deus”.

A razão percebe que há verdades que ela mesma produz — como as da lógica e da matemática —, mas também se depara com uma Verdade que não é construída por ela, mas que a transcende, como que um ponto obscuro em que ela não pode acessar¹⁹. Essa Verdade eterna, imutável, é Deus, que é encontrado na interioridade da alma e é desejado por todos, ainda que de forma implícita²⁰. Como afirma o próprio Agostinho (*A verdadeira Religião*, 1845, 39, 72): “a verdade habita no homem interior”, e é a partir dela que se dá a inquietação existencial que move a alma à busca do Absoluto. A razão, portanto, ao reconhecer sua própria limitação, reconhece também que sua vocação é conduzir o homem à sabedoria, isto é, à contemplação de Deus como verdade plena e fim último da existência. Gouveia (2006, p. 150) afirma: “Fé não é uma presunção cega de algo contrário à razão. Mas não sendo sem ou contra a razão, a fé alcança acima e além da razão, e nunca pode ser assimilada em categorias racionais.”.

Fé, subjetividade e sentido em Kierkegaard

Em Kierkegaard, desespero é pecado e é *não ser quem se deve ser diante de Deus* e a fé é a cura para o desespero²¹, em Agostinho podemos perceber justamente essa superação do desespero por meio da fé e sua entrega total a Cristo como a verdade eterna, a seguir, será aprofundado através dos conceitos de Kierkegaard, o possível caminho de superação do desespero e construção de sentido por meio da fé.

¹⁹ Gilson, 2009, p. 44

²⁰ Júnior, 2023, p. 4-5

²¹ Kierkegaard, 2019, p. 94

A fé, para Kierkegaard, não pode ser ensinada ou transmitida; ela é um movimento puramente subjetivo e pessoal. Para ele, a fé nasce no interior do indivíduo, sendo uma relação direta entre a pessoa e Deus, sem intermediários. O conceito mais conhecido e emblemático de fé em Kierkegaard é o do “salto”. Para ele, a fé ultrapassa a compreensão lógica e essa expressão “salto para o absurdo” ou “salto da fé” está associada ao livro *Temor e Tremor* (1979), no qual o autor analisa a figura de Abraão, disposto a sacrificar Isaque por ordem divina. Esse salto não é fruto de cálculo racional, mas de um movimento de confiança plena em Deus, mesmo diante do paradoxo e da impossibilidade lógica, Kierkegaard afirma: “Acreditou no absurdo, porque tal não faz parte do humano cálculo.”²²

Esse salto é um conceito essencial no pensamento do autor porque a fé, para Kierkegaard, não pode ser explicada, não há um esquema a ser seguido ou uma fórmula pronta. A tentativa de fundamentar a fé em argumentos racionais contradiz sua natureza essencial, que é o risco e a entrega, e isso é justamente o que vemos no percurso de Santo Agostinho, enquanto procurava pela racionalidade. Isso também pode ser observado na história autobiográfica de Tolstói na obra *Uma Confissão* (2016). A obra, oferece o relato de sua profunda crise existencial, na qual questiona o sentido da vida e da morte, mesmo estando no auge de sua fama e sucesso. Isso vale ser observado pois como foi mencionado na seção introdutória deste texto, a religião se propõe a responder e auxiliar o indivíduo ante às questões existenciais e nem sempre é apenas diante de uma vida em desordem que o indivíduo se encontra em desespero, mas pode ser diante de uma vida aparentemente organizada e de sucesso que o indivíduo se vê questionando qual o sentido de sua existência.

Essa busca por sentido e a subsequente descoberta da fé como resposta em Tolstói, conversam com as ideias de Kierkegaard, especialmente no que tange à fé como um salto para além da razão e como meio de alcançar uma existência autêntica. Tolstói descreve uma sensação de vazio e desespero diante da inevitabilidade da morte, mesmo tendo alcançado tudo o que a vida poderia oferecer. Ele escreve (2017, p. 31): “Minha vida

²² Kierkegaard, 1979, p. 219

parou. Eu podia respirar, comer, beber, dormir, porque não podia ficar sem respirar, sem comer, sem beber, sem dormir; mas não existia vida, porque não existiam desejos cuja satisfação eu considerasse razoável.”. Após um longo processo de reflexão, o despertamento de Tolstói ocorre quando ele observa a fé simples e inabalável das pessoas comuns, os camponeses russos, que vivem com propósito e aceitação, mesmo diante das dificuldades da vida.

Kierkegaard entende que a existência humana é marcada pela tensão entre finitude e infinitude, necessidade e possibilidade, chronos e kairós, anímico e corpóreo. Quando essa síntese se rompe, surge o desespero, que ele define como *a doença para a morte* e podemos compreender como pecado, afastamento de Deus e consequentemente perda de sentido. O desespero ocorre quando não há uma correta relação da síntese e o indivíduo está distante da fonte que o estabeleceu, separado de Deus. Para Kierkegaard, a fé é justamente o movimento que permite ao indivíduo aceitar sua identidade como uma síntese criada por Deus, fundamentando-se nEle. O autor afirma:

Mas o contrário de estar desesperado é ter fé; portanto, também está totalmente correto o que foi afirmado acima como sendo a fórmula que descreve um estado no qual não há absolutamente nada de desespero, e esta é igualmente a fórmula para a fé: ao relacionar-se a si mesmo e ao querer ser si mesmo, o si-mesmo se funda transparentemente no poder que o estabeleceu. (KIERKEGAARD, 2022, p. 85)

Dessa forma, a fé reconfigura a existência ao reconciliar a identidade pessoal com a transcendência divina, livrando o indivíduo do estado de fragmentação existencial. Abraão, analisado na obra *Temor e Tremor*, se torna o “cavaleiro da fé” porque, em sua disposição de sacrificar Isaque, demonstra que a fé não pode ser justificada, a fé se vive colocando a própria subjetividade em jogo. Ela é um ato singular, que se realiza no interior do indivíduo e não pode ser compartilhada ou plenamente compreendida por outro²³. Para Kierkegaard, a fé é solitária porque exige a coragem de abandonar a segurança racional e arriscar-se na confiança em Deus, mesmo quando tudo parece contrário à lógica. O conceito de fé no autor está diretamente ligado à ideia de existência

²³ Kierkegaard, 1979, p. 231

autêntica e tornar-se si mesmo significa aceitar a síntese de finitude e infinitude e estabelecer essa relação com Deus como fundamento existencial.

A fé é libertadora porque permite ao indivíduo viver de maneira plena e autêntica, não mais preso à lógica do desempenho ou ao medo do fracasso. Ao ancorar-se na fé, o sujeito encontra liberdade para existir conforme sua verdadeira identidade, recebida como dádiva divina. Ele afirma (2022, p. 74): “Aquele que crê possui o antídoto eternamente seguro contra o desespero: possibilidade; pois para Deus tudo é possível a todo instante.” Kierkegaard critica as igrejas institucionais que tratam a fé como um conjunto de doutrinas racionais, Tolstói também tece críticas a esse modelo de “fé” baseado puramente em ritos e sem algo que comece na interioridade²⁴. Para Kierkegaard, essa abordagem torna a fé impessoal e mecânica, perdendo seu caráter subjetivo e internalizado. O maior exemplo do paradoxo da fé, para o dinamarquês, é a encarnação de Cristo²⁵. Acreditar que Deus se fez homem é o ponto culminante do salto para o absurdo, isso é o eterno entrando no tempo para qualificar a todos os que cressem nEle a viver essa possibilidade de uma vida eterna ainda nos limites do tempo.

O capítulo dedicado ao “Paradoxo Absoluto” na tese *Tempo, Eternidade e Verdade: Pressupostos Agostinianos da Ideia de Paradoxo Absoluto em Kierkegaard*, de Humberto Araújo Quaglio de Souza, demonstra como a ideia kierkegaardiana do Paradoxo Absoluto — a Encarnação do Verbo — é sustentada por fundamentos agostinianos, especialmente no que tange à distinção qualitativa entre o temporal e o eterno. Em *Migalhas Filosóficas* (2008), Kierkegaard, sob o pseudônimo Johannes Climacus, define o "Paradoxo Absoluto" como a união de Deus eterno com o homem temporal — a Encarnação²⁶. Esse evento é paradoxal porque une duas naturezas qualitativamente distintas: o eterno e o temporal. Para Kierkegaard, essa união não pode ser compreendida pela razão humana, mas apenas aceita pela fé.

²⁴ Kierkegaard, 2000, p. 386

²⁵ Oliveira, 2022, 72

²⁶ Kierkegaard, 2008, p. 220

Quaglio destaca que essa concepção se une ao pensamento de Agostinho, em obras como *Confissões* (Livro XI) e *De Magistro*, que também abordam a distinção entre tempo e eternidade e a identificação de Cristo como a Verdade. Agostinho argumenta que o tempo é uma sucessão de momentos — passado, presente e futuro — enquanto a eternidade é um presente contínuo, sem mudança²⁷. Assim, a Encarnação representa a entrada do eterno no tempo. A tese enfatiza que tanto Agostinho quanto Kierkegaard reconhecem uma distinção qualitativa entre tempo e eternidade²⁸. Para Agostinho, o tempo é uma medida da mudança e está associado à criação, enquanto a eternidade é a imutabilidade de Deus. Kierkegaard, por sua vez, vê o tempo como a esfera da existência humana e a eternidade como a esfera divina²⁹. A Encarnação, portanto, é o ponto de interseção entre essas duas esferas. Quaglio também explora a concepção de verdade em ambos os pensadores. Para Agostinho, Cristo é a Verdade que ensina interiormente, enquanto para Kierkegaard, a verdade é subjetiva e se manifesta na existência individual³⁰. A Encarnação é, assim, a manifestação da Verdade no tempo. O capítulo sobre o *Paradoxo Absoluto* na tese de Quaglio revela como Kierkegaard, ao desenvolver sua concepção de fé e verdade, retoma e reformula ideias centrais do pensamento agostiniano³¹ que também podem ser a base do que se chama de pensamento cristão.

Essa breve exposição da tese de Quaglio e mais especificamente do que diz respeito ao paradoxo absoluto é importante para a compreensão do que é a fé como recuperação do si-mesmo e construção de sentido. Se o ser humano é uma síntese de finitude e infinitude, a recuperação do *si-mesmo* só é possível por meio do paradoxo porque tem uma efetivação no Cristo. Para Kierkegaard, a fé possui um duplo movimento, sendo também paradoxal, em que o primeiro movimento é o da resignação e o segundo movimento é a retomada para uma vida qualificada³². Esse é um movimento existencial, solitário e profundamente difícil, mas que apresenta um modelo que articula finitude e

²⁷ Agostinho, *Confissões*, 1999, livro XI, 17

²⁸ Quaglio, 2019, p. 75

²⁹ Kierkegaard, 2008, 188

³⁰ Quaglio, 2019, p. 135

³¹ Idem, p. 198

³² Kierkegaard, 1979, p. 220

infinitude e com isso, responde a questão do sentido da vida. O primeiro movimento da fé é o passo que exige que o indivíduo renuncie completamente aos desejos e às posses mais preciosas, aceitando a perda com total entrega. No exemplo de Abraão, a resignação infinita ocorre quando ele está disposto a sacrificar seu filho Isaac por obediência a Deus. Abraão abre mão da promessa divina e resigna-se à perda, aceitando que o plano de Deus transcende sua compreensão³³.

Kierkegaard afirma que esse movimento representa um ato de entrega absoluta, onde o indivíduo, mesmo sofrendo, encontra uma espécie de reconciliação com a dor, pois confia no propósito divino. A renúncia infinita, portanto, não é um ato de desespero, mas uma expressão de profundo compromisso com Deus. O autor afirma: “O cavaleiro da resignação infinita é feliz em sua dor, e sente-se tranquilo em sua angústia.³⁴”. Após a renúncia infinita, vem o segundo movimento: o salto da fé. Esse é o passo que transcende qualquer explicação, pois consiste em recuperar, pela fé, aquilo que foi perdido pela renúncia. Abraão não apenas renuncia a Isaac, mas também acredita que Deus pode devolver seu filho, mesmo diante do impossível. Essa crença contradiz a lógica humana e se fundamenta na confiança absoluta no poder divino. Para Kierkegaard: “A fé começa precisamente onde termina a razão.³⁵”. A grande contribuição de Kierkegaard é demonstrar que a fé não é um estado passivo, mas uma dialética existencial. O indivíduo que crê vive na tensão entre a renúncia e a restauração, entre o sacrifício e a esperança.

Para o autor, a grandeza da fé está na sua capacidade de fazer coexistirem a perda e a posse³⁶. Aquele que faz o salto da fé não vive uma vida alienada ou resignada, mas uma existência plena de significado e propósito, precisamente porque a fé desafia as categorias racionais. Sendo assim, não se escapa da fé no processo de reestruturação do *eu*, a fé é o oposto do desespero e a partir dela é que se crê na verdade não apenas como um conceito, mas como uma pessoa que paradoxalmente uniu em si infinitude e finitude e a fé nessa verdade é o que conduz a rearticulação da síntese e a sair do desespero por

³³ Idem, p. 220-221

³⁴ Kierkegaard, 1994, p. 57

³⁵ Idem, p. 61

³⁶ Kierkegaard, 1979, p. 346-347

meio do salto³⁷. O processo de sair do desespero para a fé não pode ser explicado, só pode ser aceito e crido como possibilidade de reestruturação do *eu*, mas seguir por essa possibilidade permite que o sentido seja acessado. Como afirma Quaglio (2019, p. 135): “O que é, então, a verdade? Ela é um “quê” ou um quem? Ela é algo ou alguém? O paradoxo, no pensamento kierkegaardiano, é ambas as coisas.”. Sendo assim, a fé na verdade eterna, qualifica uma existência autêntica, real e cheia de sentido porque teve realidade no Cristo.

Nesse estágio, em que a síntese é restabelecida, o sentido da existência se torna tão fundamentado para o indivíduo que o olhar para a vida não está mais sujeito aos acontecimentos finitos, o indivíduo se torna um definidor da própria existência ao invés de refém dela. Nesse momento é possível estar em tristeza, dor, situações de desconforto e ainda assim ter sentido para a vida e algo pelo que vale a pena continuar crendo no valor da vida ao ponto de não desesperar-se, talvez até angustiar-se, mas não desesperar. Um exemplo para isso são os relatos de Viktor Frankl³⁸ sobre os judeus nos campos de concentração ou até mesmo os relatos sobre mártires cristãos que enfrentaram o extremo da dor, desconfortos desumanos e permaneceram crendo que havia algo pelo que valia a pena lutar pela vida³⁹. Isso não se aplica apenas a questões extremas, o que está sendo proposto através dessa leitura é uma possibilidade de existência que não esteja condicionada a exterioridade, mas que o indivíduo bem estruturado, seja capaz de estando ancorado a algo além de sua própria existência, algo eterno, ser apto a construir uma existência finita em liberdade e verdade.

O lugar em que está estruturado e fundamentado o *eu* define o sentido da vida e se o indivíduo está em desespero ou em fé. Para Santo Agostinho através das *Confissões*, percebemos que ao ancorar sua existência em Deus (infinitude), na verdade eterna que é o Cristo, encontrou o sentido que o preencheu das suas inquietações e de uma busca

³⁷ Quaglio, 2019, p. 135

³⁸ Na obra *Em busca de sentido* (1946), Viktor E. Frankl narra a experiência de um psicólogo no campo de concentração. Ele descreve como sentiu e observou a si mesmo e as demais pessoas e seu comportamento na situação-limite do campo de extermínio nazista durante a Segunda Guerra Mundial.

³⁹ Brandão, 2013

desesperada⁴⁰. Após rearticular a síntese e sair do desespero, o indivíduo precisa saber que a continuidade da existência é processual e está em caminhar um dia de cada vez tomando decisões que o aproximam da síntese, então é como que andar sobre a corda bamba em que a cada novo passo se readquire equilíbrio para o próximo passo. Por isso, na luta contra a possibilidade de desesperar, o mais importante não é só o esforço, mas interiorizar a verdade sobre o ato. Não é a vontade que resolve o desespero, mas como tem sido pontuado, somente a fé pode resolver o desespero. O significado de interiorizar a verdade nesse sentido é justamente destruir a cada momento a possibilidade de ser tentado ao desespero e isso não significa destruir a tentação, mas destruir a possibilidade de tal. O autor argumenta:

Aquele que crê possui o antídoto eternamente seguro contra o desespero: possibilidade; pois para Deus tudo é possível a todo instante. Esta é a saúde da fé, que resolve contradições. A contradição aqui é que, humanamente falando, a ruína é certa e que, no entanto, ainda há possibilidade. Saúde é, em última instância, a capacidade de resolver contradições. Por exemplo, em relação ao corpóreo ou ao físico, uma corrente de ar é uma contradição, pois a corrente de ar é frio e calor de modo incompatível ou não-dialético; mas um corpo sadio resolve essa contradição e não sente a corrente de ar. Assim também com a fé. (KIERKEGAARD, 2022, p. 74)

Mário Gimenes de Paula (2008, p. 62) afirma que a fé possui um caráter de renúncia presente no ato da resignação; contudo, sua completude se manifesta quando o indivíduo é devolvido à existência com uma dádiva — uma nova qualidade: a fé como recebimento. Cada pessoa, ao construir sua própria existência, inevitavelmente se depara com os limites do salto. Em algum momento, enfrentará questões existenciais diante das quais será necessário decidir. Essas questões fazem parte da experiência de viver e, muitas vezes, não apresentam respostas prontas. Aquele, porém, que comprehende o caminho da fé e se permite ser conduzido à interioridade fundamenta sua existência finita em bases eternas. A cada salto dado por meio da fé, o indivíduo retorna à existência transformado,

⁴⁰ Agostinho, 2017, pág. 107

tendo renunciado por meio da resignação e recebido, como dádiva, a própria vida renovada pela fé.

Ao se referir ao surgimento de uma nova qualidade, o que se quer expressar é que, na existência, tal qualidade emerge por meio de um salto, e não por acúmulo de quantidade. Não há alguém “meio desesperado” ou com um “meio sentido” de vida; a pessoa torna-se uma coisa ou outra após o salto existencial. Tanto o desespero quanto a redenção — ou conversão — só podem emergir por meio desse salto. A mudança qualitativa representa o ponto obscuro da existência, seja no caminho do desespero, seja no processo de tornar-se a si mesmo. O cristianismo, por sua vez, posiciona-se continuamente diante dessa realidade, apresentando as bases sobre as quais é possível operar para que a vida adquira sentido. O que auxilia o indivíduo diante do salto é justamente a definição da base a partir da qual se sustentará a própria existência.

Conclusão:

A análise comparativa entre Santo Agostinho e Søren Kierkegaard revela como, apesar das distâncias históricas e culturais, ambos convergem na compreensão do ser humano como um ente profundamente marcado pela interioridade, pelo sofrimento e pela busca por Deus. O desespero, em Kierkegaard, não é apenas uma condição existencial negativa, mas uma ruptura do ser, uma doença no espírito, afastamento de Deus, pecado. A única via possível para o reencontro com a verdade do ser, só se realiza plenamente na relação com o eterno, com Deus. Para Agostinho, essa verdade é encontrada na interioridade por meio da fé, enquanto em Kierkegaard ela se revela na fé como salto paradoxal. Ambos apontam que o *eu* não encontra repouso em si mesmo, mas somente ao voltar-se para Deus. O homem moderno, perdido em sua própria fragmentação e exausto no espírito, é convocado por esses autores a reencontrar-se pela via da fé, que não nega o sofrimento, mas o ressignifica como caminho para a verdade.

Assim, a contribuição de Agostinho e Kierkegaard permanece atual e desafiadora, especialmente diante de uma sociedade marcada pelo niilismo, pela superficialidade e

pelo medo do silêncio interior. Retomar seus pensamentos é redescobrir uma filosofia que convida ao enfrentamento da angústia não como fim, mas como passagem rumo à esperança e à plenitude no encontro com o Deus. A relação entre fé e sentido existencial, longe de ser apenas algo abstrato, tem implicações concretas para a vida cotidiana e para o enfrentamento da alienação contemporânea. Em um mundo marcado pela fragmentação do *eu* e pela falta de identidade, sentido e verdade existencial, a proposta do cristianismo, apresentada por Agostinho e Kierkegaard neste artigo, se apresenta como uma via para a ressignificação da existência.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **A verdadeira religião.** Tradução: J. H. de Souza. São Paulo: Paulus, 1845.
- AGOSTINHO, Santo. **A Trindade.** Tradução: Maria da Graça Nóbrega. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** Tradução de J. Oliveira Santos e Alexandre Correia. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** Tradução: Maria Luiza Jardim Amarante. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2017.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** Tradução: Newton Aquino Alves. Petrópolis: Vozes, 2019.
- AGOSTINHO, Santo. **Solilóquios; A vida feliz.** Tradução de Adaury Fiorotti e Nair de Assis Oliveira; introdução, notas e bibliografia de Roque Frangiotti. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1998. 157 p. (Coleção Patrística; v. 11). ISBN 85-349-1201-7.
- BRANDÃO, Sílvia Sgroi. **Perseguições e martírios na História Eclesiástica: análise dos escritos de Eusébio de Cesareia.** História e Cultura, Franca, v. 2, n. Extra 3, p. 268–279, dez. 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6077117>. Acesso em: 18 maio 2025.
- FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** Editora Sinodal, 2013.
- GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho.** Lumen Veritatis, v. 1, n. 3, 2008.
- GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Paixão pelo paradoxo: uma introdução aos estudos de Søren Kierkegaard e de sua concepção da fé cristã.** São Paulo: Novo Século, 2000.
- JÚNIOR, Procedino et al. **A interioridade em Santo Agostinho.** 2023. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/266425099/A-Interioridade-Em-Santo-Agostinho>. Acesso em: 16 maio 2025.
- KIERKEGAARD, Søren. **A doença para a morte.** Tradução: Jonas Roos. Petrópolis: Vozes, 2022.
- KIERKEGAARD, Søren. **Migalhas filosóficas ou um fragmento filosófico.** Tradução: Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 2008.

KIERKEGAARD, Søren. **Temor e tremor.** Tradução: Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MATTHEWS, Gareth B. **O pensamento de Santo Agostinho.** Tradução: José Laurênia de Melo. São Paulo: Loyola, 2005.

OLIVEIRA, Rômulo. **Pensar a Religião - temas e conceitos filosóficos contemporâneos** / organizado por Frederico Pieper, Jonas Roos - São Paulo; Liber Ars, 2022.

PAULA, Mário Gimenes de. **Dialética da fé: uma introdução à filosofia existencial de Kierkegaard.** São Paulo: Paulus, 2008.

PUCHNIAK, Robert B. **Kierkegaard and Augustine: a study in Christian existence.** 2007. Tese (Doutorado em Filosofia) – Marquette University, Milwaukee, 2007.

QUAGLIO, Humberto Araújo. **Tempo, eternidade e verdade: pressupostos agostinianos da ideia de paradoxo absoluto em Kierkegaard** / Humberto Araújo Quaglio - São Paulo, SP: Editora Liber Ars, 2019.

ROOS, Jonas. **Finitude, infinitude e sentido: um estudo sobre o conceito de religião a partir de Kierkegaard.** Revista Brasileira de Filosofia da Religião, Brasília, v.6, n.1, jul. 2019.

TOLSTÓI, Leon. **Uma confissão.** Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.